



RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Tragédia gaúcha está no alto da pauta da comitiva liderada por Alckmin, que vai à Arábia Saudita e à China em busca de investimentos nos setores de infraestrutura. Pretende trazer, também, soluções tecnológicas de enfrentamento aos extremos climáticos

Giro pelo Oriente tenta atrair recursos para RS

» VICTOR CORREIA
» INGRID SOARES

Cadu Gomes/VPR



Alckmin chega ao Oriente Médio e à Ásia com a obrigação não apenas de estreitar laços diplomáticos, mas, também, de buscar investimentos

A comitiva brasileira que seguiu ontem para a Arábia Saudita e para a China, chefiada pelo vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin, leva na bagagem não apenas a proposta de fechamento de acordos bilaterais entre o Brasil e esses países. Desta vez, uma das preocupações é atrair investimentos e serviços para o esforço de reconstrução do Rio Grande do Sul, em parte devastado pela enchente. Não apenas por causa do peso do estado na formação do Produto Interno Bruto (PIB), mas porque reerguê-lo também representará oportunidades — sobretudo com soluções de infraestrutura que o tornem menos vulnerável aos fenômenos climáticos extremos.

Por sinal, mudanças estruturais para as cidades — com absorção de novas tecnologias e modernização de estruturas — estão no alto das prioridades da comitiva que desembarca em Riad e, na sequência, em Pequim. O Rio Grande do Sul tem tudo para ser a porta de entrada de novos elementos de reconstrução — criando condições para que sejam replicados em outros estados brasileiros.

Para o coordenador de Comércio Internacional da BMJ Consultores Associados, Josemar Franco, sobretudo em relação aos chineses, os brasileiros terão a oportunidade de avançar na diversificação dos produtos exportados. Atualmente, a pauta brasileira se baseia em soja, carnes e minérios — especialmente o ferro —, mas a pretensão é expandi-la para frutas, sorgo, nozes e gergelim. Para os chineses, o foco é infraestrutura.

“O Brasil está com uma vantagem muito robusta para ampliar sua infraestrutura. E tem a questão do Rio Grande do Sul — a China pode ser um parceiro estratégico. Tem também a expansão dos Brics, pretendida pela

China e que o Brasil apoia com certa timidez”, frisou.

Prioridade

Para Rubens Barbosa, presidente do Instituto de Relações Internacionais e Comércio Exterior (Irice) e ex-embaixador do Brasil em Londres e em Washington, as conexões com os sauditas e chineses devem ser tratadas como prioritárias. Afinal, os dois países enxergam no Brasil muitas oportunidades de negócios — sobretudo por causa do empenho demonstrado pelo governo federal com o esforço de recuperação do Rio Grande do Sul, para o qual, até agora, foram liberados R\$ 62,5 bilhões

para a retomada das indústrias, empresas e serviços.

“A ideia de um projeto de integração física, com a construção de um corredor ferroviário chegando a um porto no (Oceano) Pacífico, e aproveitando a alta tecnologia chinesa nesse setor, poderia começar a ser examinada pelos dois lados”, pontua o embaixador aposentado.

Márcio Coimbra, presidente do Instituto Monitor da Democracia e vice-presidente da Associação Brasileira de Relações Institucionais e Governamentais (Abrig), ressalta que o objetivo do governo federal nessa passagem pela Arábia Saudita e pela China é a busca de investimentos na área de transição energética, infraestrutura e agronegócio. Porém, ele vê com restrições

a captação de recursos chineses.

“É uma espécie de investimento predatório, que acaba aprisionando várias nações com alta dívida com o governo chinês. O Brasil deveria pensar em instrumentos de avaliação dos investimentos externos”, adverte.

A comitiva chefiada por Alckmin é integrada pelos ministros Carlos Fávaro (Agricultura), Simone Tebet (Planejamento e Orçamento), Rui Costa (Casa Civil), Wellington Dias (Desenvolvimento Social), Márcio França (Empreendedorismo) e Paulo Teixeira (Desenvolvimento Agrário). Integram o grupo os presidentes da Apex Brasil, Jorge Viana, e da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), Ricardo Cappelli.

Atração de interesse dos sauditas

O foco da primeira parada da comitiva brasileira, em Riad, é a participação em um encontro entre fundos de investimentos brasileiros e da Arábia Saudita, para tratar de estratégias, propostas de projetos e oportunidades de cooperação. O vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin, se reúne amanhã com o ministro de Investimentos saudita, Khalid Al Falih, e com o ministro da Defesa do país, príncipe Khalid bin Salman.

O governo brasileiro vem atuando para aprofundar a relação com os países árabes. No início de março, o Ministério dos Investimentos saudita anunciou que estuda abrir um escritório de negócios em São Paulo. O país também anunciou, no ano passado, um investimento de US\$ 10 bilhões (cerca de R\$ 52,5 bilhões) no Brasil, sendo que a maior parte deve ir para obras do Novo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

Ao governo brasileiro interessa o estreitamento dessas relações, uma vez que o Oriente Médio é um dos maiores destinos dos produtos do agro brasileiro. Em 2023, o Brasil exportou US\$ 3,2 bilhões (R\$ 16,8 bilhões) para a Arábia Saudita — o maior valor da última década. No topo da lista de exportações estão carnes de aves, açúcares, melações e milho não moído, segundo a Apex Brasil.

Outro destaque da pauta de exportações para os sauditas, no ano passado, foram os óleos combustíveis de petróleo — que chegaram a US\$ 101,7 milhões, crescimento de 436% desde 2019. (VC e IS)

Comissão bilateral completa duas décadas de aproximação

Em Pequim, membros da alta cúpula dos governos chinês e brasileiro se reúnem para debater a relação comercial e diplomática entre os países. A 7ª Sessão Plenária da Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (Cosban) marca os 20 anos de criação do organismo, que coordena o diálogo entre Brasil e China.

O encontro coincide, também, com o aniversário de 50 anos das relações diplomáticas. A comitiva brasileira trabalha com a expectativa de anunciar o aumento da pauta de exportações brasileira para a China e a atração de investimentos em infraestrutura, ciência e tecnologia, inovação e agricultura.

“Estamos com expectativas muito positivas de resultados em todos os campos, inclusive na agricultura”, adiantou o ministro Pedro Murilo Ortega Terra, diretor do Departamento de China, Rússia e Ásia Central do Ministério das Relações Exteriores.

O vice-presidente Geraldo Alckmin desembarca em Pequim na

terça-feira e participa de um encontro com especialistas em China na Embaixada do Brasil. No dia seguinte, haverá um seminário empresarial e cerca de 200 executivos brasileiros e chineses devem participar. Na sequência, Alckmin comparece à reunião do Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC) — que reúne representantes de empresas como BNDES, Vale, Bradesco, Petrobras, Kwai, Alibaba e TCL.

Já a plenária da Cosban será na quinta-feira, no Grande Salão do Povo — sede do parlamento chinês. Antes do encontro, Alckmin e o vice-presidente da China, Han Zheng, têm um encontro reservado. À tarde, o vice brasileiro terá encontros com empresários.

“Os 20 anos da Cosban são um marco importante para a consolidação das relações entre China e Brasil. Trata-se do principal mecanismo de diálogo regular e de coordenação entre os dois países. Agiliza a interlocução e facilita o estreitamento de laços”, salientou Alckmin ao **Correio**. (VC e IS)

Ciaran McCrickard/World Economic Forum



Vice chinês se reunirá separadamente com o chefe da comitiva brasileira

Veículo de cooperação

A Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (Cosban) foi criada na primeira visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva a Pequim, em maio de 2004. Ela é formada por 11 subcomissões, que abordam desde a cultura até a cooperação espacial. A plenária deste ano será a primeira presencial desde a pandemia da covid-19. Atualmente, o organismo é presidido pelos vice-presidentes brasileiro e chinês, Geraldo Alckmin e Han Zheng.



Os 20 anos da Cosban são um marco importante para a consolidação das relações entre China e Brasil. Trata-se do principal mecanismo de diálogo regular e de coordenação entre os dois países. Agiliza a interlocução e facilita o estreitamento de laços”

Vice-presidente
Gerald Alckmin



A ideia de um projeto de integração física, com a construção de um corredor ferroviário chegando a um porto no (Oceano) Pacífico, e aproveitando a alta tecnologia chinesa nesse setor, poderia começar a ser examinada pelos dois lados”

Rubens Barbosa,
embaixador aposentado e
presidente do Instituto de
Relações Internacionais
e Comércio Exterior



O Brasil está com uma vantagem muito robusta para ampliar sua infraestrutura. E tem a questão do Rio Grande do Sul — a China pode ser um parceiro estratégico. Tem também a expansão dos Brics, pretendida pela China e que o Brasil apoia com certa timidez”

Josemar Franco,
coordenador de Comércio
Internacional da BMJ
Consultores Associados